



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

BEATRIZ CEPPOLINI MUNAY GALVÃO

A LEITURA LITERÁRIA NO VESTIBULAR UNICAMP (2016 A 2019)

CAMPINAS

2019

BEATRIZ CEPPOLINI MUNAY GALVÃO

A LEITURA LITERÁRIA NO VESTIBULAR UNICAMP (2016 A 2019)

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Orientadora: Professora Dra. Cynthia Agra de Brito Neves

CAMPINAS

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por cada etapa vivida na Unicamp, pelo sustento, amor e presença constante em minha vida.

Agradeço também à minha família, por todo o amor e apoio.

Agradeço ao SAE – Serviço de Apoio ao Estudante, pelo financiamento desta pesquisa – que foi iniciada em um projeto de iniciação científica – por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) /UNICAMP.

Agradeço aos amigos e colegas que estiveram comigo durante a graduação, compartilhando momentos de estudos, conversas, passeios, refeições, orações etc. Sou grata por tudo que vivi ao lado de vocês!

Por fim, agradeço a todos que foram meus professores na Unicamp, e à minha orientadora, Professora Dra. Cynthia Agra de Brito Neves, pelo auxílio e direcionamento no desenvolvimento da monografia.

Sou e fui muito feliz nesta Instituição, desde o primeiro dia em que cheguei aqui. A Unicamp gerou diversas transformações em minha vida, me fez crescer, amadurecer e aprender muitas coisas. Acredito que seja impossível expressar em palavras o amor que sinto por esta Universidade.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo estudar a prova de literatura da segunda fase do Vestibular Unicamp (VU), no período de 2016 a 2019. O VU cobra em seus exames leituras obrigatórias de obras literárias, previamente selecionadas e divulgadas em uma lista. O recorte desta pesquisa (de 2016 a 2019) se justifica pelo fato de que, a partir de 2016, a Unicamp passou a ter uma lista literária própria, independente do Vestibular da USP. Neste trabalho, apresentaremos também um panorama dos gêneros literários, autores e obras presentes na prova de literatura do VU, de 1987 a 2015, com o intuito de entender o perfil desse exame de modo mais holístico. Trata-se, portanto, de uma pesquisa do tipo documental e qualitativa, cujo *corpus* (provas de literatura da segunda fase do VU de 2016 a 2019) encontra-se disponível no portal da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest). Assim, nesta monografia, apoiamos-nos teoricamente em autores como Furlan e Abaurre (1993), Cereja (2005) e Fidelis (2008), referências essenciais para compreender a prova de literatura do VU. Já autores como Candido (2011), Cosson (2016) e Silva (2005) nos ajudaram a entender a importância da literatura e do seu ensino no contexto escolar brasileiro. Recorremos ainda a autores como Paulino (2014), para destacar a leitura literária; Moreira (2003) e Muzart (1995), para discutir a construção do cânone; e Soares (1993), para definir os gêneros literários. Por fim, reconhecemos que o Vestibular Unicamp é um exame de relevância nacional, que procura selecionar leitores críticos em seu processo seletivo para ingresso na universidade. Por isso, acreditamos que estudar a sua prova de literatura – que frequentemente passa por mudanças em sua lista de obras literárias – seja relevante para o campo científico.

Palavras-chave: Vestibular, Unicamp, Leitura Literária.

ABSTRACT

This monograph aims to study the literature test of the second phase of the Vestibular Unicamp (VU), from 2016 to 2019. The VU, in its exams, requires the mandatory reading of literary works, previously selected and published in a list. The range of this research (from 2016 to 2019) is justified by the fact that, from 2016 onward, Unicamp started having its own literary list, independent of USP entrance exam. In this monograph, we will also present an overview of the literary genres, authors and literary works present in the VU literature test, from 1987 to 2015, in order to understand the profile of this exam in a more holistic way. Therefore, it is a documentary and qualitative research, whose corpus (literature tests of the second phase of the VU from 2016 to 2019) is available on the Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) website. Thus, in this monograph, we rely on the theories of authors such as Furlan and Abaurre (1993), Cereja (2005) and Fidelis (2008), essential references to comprehend the literature test of the VU. Authors such as Candido (2011), Cosson (2016) and Silva (2005) helped us understand the importance of literature and its teaching in the Brazilian school context. We also refer to authors such as Paulino (2014), to highlight literary reading; Moreira (2003) and Muzart (1995), to discuss the construction of the literary canon; and Soares (1993), to define literary genres. Finally, we recognize that the Vestibular Unicamp is a nationally relevant exam that seeks to select critical readers in its selection process for admission to the university. Therefore, we believe that studying VU's literature test – which often goes through changes in its list of literary works – is relevant to the scientific field.

Keywords: College Entrance Exam, Unicamp, Literary Reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Questão 4 de 2016.	30
Figura 2 - Questão 4 de 2017.	31
Figura 3 - Questão 1 de 2019.	32
Figura 4 - Questão 5 de 2016.	33
Figura 5 - Questão 6 de 2017.	34
Figura 6 - Questão 5 de 2018.	35
Figura 7 - Questão 2 de 2019.	36
Figura 8 - Questão 6 de 2016.	37
Figura 9 - Questão 4 de 2018.	38
Figura 10 - Questão 3 de 2019.	39
Figura 11 - Questão 5 de 2017.	40
Figura 12 - Questão 6 de 2018.	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – Ensino de literatura e leitura literária: reflexões teóricas	14
1.1. Contextualização: Literatura, ensino e leitura literária.....	14
1.2. Cânone e listas de leitura.....	17
1.3. Inovações no Vestibular Unicamp e ensino de literatura	19
1.4. Gêneros literários.....	21
CAPÍTULO II – Definição da metodologia e do objeto de pesquisa	24
2.1. Materiais e Métodos	24
CAPÍTULO III – A prova de literatura do Vestibular Unicamp: tradição e ruptura.....	26
3.1. Análises iniciais.....	26
3.2. A prova de literatura do Vestibular Unicamp de 2016 a 2019	27
3.2.1. Lista de obras do VU 2016	27
3.2.2. Lista de obras do VU 2017	28
3.2.3. Lista de obras do VU 2018	28
3.2.4. Lista de obras do VU 2019	29
3.3. Categorias de Análise	29
3.3.1. Leitura literária de contos	30
3.3.2. Leitura literária de poesias	33
3.3.3. Leitura literária de romances	37
3.3.4. Leitura literária de texto teatral.....	40
3.3.5. Leitura literária de sermão	41
3.4. Comentários gerais sobre as listas e sobre as questões de literatura	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	51

INTRODUÇÃO

Não é de hoje a relevância atribuída pelas instituições de ensino fundamental e médio, especialmente das redes particulares de ensino, às obras de literatura cobradas nos vestibulares das grandes universidades públicas paulistas, como é o caso da Unicamp. Tal constatação não é recente e o assunto já foi abordado, por exemplo, em um artigo escrito por Rocco (1989), no qual a autora comenta acerca da influência das obras literárias dos vestibulares da Unicamp (Comvest)¹ e da USP (Fuvest)² no ensino de segundo grau – atual ensino médio.

O Vestibular Unicamp (VU) é um exame de importância nacional, pois seleciona alunos que irão ingressar em uma das universidades mais bem conceituadas da América Latina.³ A prova de literatura desse vestibular, desde 1987, é tradicionalmente constituída por questões que visam a aferir a leitura de uma lista de obras, previamente selecionada pela banca elaboradora. Furlan e Abaurre (1993) explicam que nesse cenário de uma prova de literatura que cobra obras específicas, o que o vestibular valoriza é a capacidade de leitura do candidato. E de acordo com Cereja (2005, p. 56):

(...) o vínculo existente entre o programa escolar e o programa do exame vestibular é direto. Este é, assim, quase sempre determinante das escolhas constantes do programa escolar, principalmente nas escolas da rede particular, em que há uma forte expectativa de toda a comunidade (famílias, alunos, professores, direção) quanto à aprovação dos alunos nas universidades mais renomadas, que geralmente são as públicas.

A Comvest (2018, p. 36), por sua vez, explica que o VU objetiva alcançar candidatos que conheçam textos literários variados em língua portuguesa e justifica que os candidatos podem ler um texto e interpretá-lo de diversas formas, mas sempre existirá “um núcleo de leituras possíveis que são delimitadas pelo próprio texto e constituem a base para qualquer interpretação posterior”. Em seu processo seletivo, a Unicamp procura elaborar questões de literatura para avaliar essas leituras tidas como corretas.

Cereja (2005) elucida que o VU se separou do vestibular da USP na década de 1980, quando passou a criar sua própria prova, introduzindo, dessa forma, um modelo distinto de exame de língua portuguesa. O autor explica que nessa nova prova de

¹ Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp.

² Fundação Universitária para o Vestibular, que realiza o vestibular da USP.

³ Cf. ALVES FILHO (2019).

literatura é que foi introduzida a lista de livros, a qual é divulgada previamente e modificada com certa regularidade. Sabemos, por exemplo, que já houve tempos em que ela mudava a cada três anos, mas, atualmente, alguns livros mudam todo ano, ao passo que outros permanecem. Foi assim, constata Cereja (2005), que a proposta da universidade serviu de exemplo a outras instituições de ensino superior (IES) do país, pois:

Nos anos subsequentes, a experiência da Unicamp foi seguida pelos exames de seleção de diversas universidades brasileiras, que passaram então a exigir dos candidatos inscritos a leitura de uma lista de oito a quinze obras representativas da literatura brasileira e, mais raramente, da literatura portuguesa. Hoje, a maior parte dos vestibulares do país que dão acesso a universidades públicas e a algumas universidades particulares renomadas fazem uso desse expediente. Curiosamente, mesmo os vestibulares que não indicam lista de obras costumam incluir em suas provas questões sobre obras constantes na lista de outros vestibulares (CEREJA, 2005, p. 72-73).

De acordo com Furlan e Abaurre (1993), desde que o vestibular da Unicamp foi inaugurado (1987) até recentemente, as obras que compunham a lista de livros eram de autoria de grandes autores brasileiros e portugueses, portanto, nas provas eram analisados textos de língua portuguesa inseridos na tradição literária. No entanto, em 2016, houve uma grande mudança no VU em relação a esse aspecto, quando um livro escrito por um autor moçambicano foi inserido na lista do vestibular.

Cereja (2005) critica que, no ensino médio, os alunos costumam aprender apenas a literatura brasileira, porém, especialmente no estado de São Paulo, as escolas costumam inserir literatura portuguesa em seus programas, devido à cobrança dessas obras nos vestibulares das universidades públicas paulistas. Segundo o autor:

Não há registros de estudos sistematizados de outras literaturas, seja em língua portuguesa (como as africanas), seja em outras línguas, exceto em escolas fundadas por representantes ou grupos estrangeiros, com a proposta de difusão cultural e linguística (CEREJA, 2005, p. 56).

Nesse cenário, é possível afirmar que a escolha da Unicamp de inserir um autor africano no seu vestibular foi acertada e, certamente, atingirá de modo positivo o setor educacional, pois o ensino voltado à história e à cultura afro-brasileiras, à história da África e dos africanos, à luta do negro no Brasil etc., nos ensinos fundamental e médio, é assegurado por meio da lei 10.639 (BRASIL, 2003), que determina que esses

conteúdos sejam inseridos em todo o currículo escolar, especialmente na área de artes e literatura.

Nesta monografia, partimos do pressuposto de que a literatura pode ser um poderoso instrumento de transformação do ser humano, por isso entendemos que ela é fundamental para o campo educacional. Nesse sentido, colocá-la em evidência em uma pesquisa como esta faz-se bastante relevante. Conforme argumenta Rocco (1989, p. 125), a arte literária auxilia na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento da imaginação e “é uma forma de conhecimento que projeta dimensões imponderáveis do real; de um real que é histórico, de um real que é psicológico, de um real que é também individual e social.”

Também defendemos, de acordo com Cosson (2016, p. 17), que “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.” Partilhamos da mesma visão do autor, sobretudo quando ele elucida que:

Na literatura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada (COSSON, 2016, p. 17).

Logo, entendemos que estudar avaliações em larga escala, como as provas (de literatura) de um vestibular nacional como o da Unicamp, é relevante, tendo em vista o efeito retroativo⁴ (VICENTINI, 2015) desse exame em diversos espaços educacionais, o que, por conseguinte, promove a criação de diversos materiais didáticos como videoaulas⁵, apostilas, livros, manuais etc. relacionados a essa avaliação. Podemos citar como exemplo, obras como o livro paradidático⁶ de Furlan e Abaurre (1993), denominado *Vestibular Unicamp: Literatura*, que apresenta a prova de literatura da universidade de maneira detalhada, comenta a respeito da lista de livros, do programa do vestibular, dos tipos de questões existentes no exame à época etc.

Da mesma forma, há pesquisadores que se dedicam a estudar o assunto, como Fidelis (2008), que em sua tese intitulada *Do cânone literário às provas de vestibular:*

⁴ Conceito utilizado pelos estudiosos britânicos de avaliação da área da Linguística Aplicada: *washback*, e da área da Educação: *backwash* (VICENTINI, 2015).

⁵ As videoaulas circulam em plataformas digitais, como o *YouTube*, e têm despertado a atenção dos jovens estudantes na atualidade. O VU é um exame bastante comentado pelos *youtubers* e as obras literárias que constam na lista obrigatória desse vestibular frequentemente são abordadas pelos *booktubers*.

⁶ Denominamos esse livro como paradidático por ele se assemelhar a um manual.

canonização e escolarização da literatura trata do processo de canonização da literatura brasileira, da formação do cânone ocidental, do cânone escolar, do papel do vestibular no processo de formação do cânone etc. De maneira resumida, é importante dizer que Fidelis (2008), em sua pesquisa, estuda o VU de literatura, suas listas de obras literárias, a composição desse exame etc.

Ainda de acordo com Fidelis (2008, p. 103), o Vestibular Unicamp:

(...) movimenta um imenso “mercado de ensino” em seu entorno. Esse mercado pode ser observado tanto na presença, por exemplo, de uma série de cursos preparatórios para as provas do vestibular, os chamados Cursinhos Pré-Vestibulares, quanto no grande investimento editorial em material pedagógico específico para as provas e, principalmente, para as provas de literatura como, por exemplo, os resumos interpretativos das obras literárias.

Também é importante mencionar a cobertura midiática que circunda os vestibulares das grandes universidades públicas brasileiras, como a USP e a Unicamp⁷, principalmente no período que antecede a aplicação desses exames.

O objeto de estudo da presente pesquisa é constituído pelas questões de literatura das provas de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da segunda fase do VU, abrangendo o período de 2016 a 2019. Esse recorte deve-se ao fato de que a partir do vestibular de 2016, a Unicamp passou a ter uma lista literária própria, independente do vestibular Fuvest, pois de 2007 a 2015, a Unicamp e a USP tiveram uma lista literária conjunta. Segundo Fidelis (2008), essa unificação foi decidida no ano de 2006, e tinha, como um de seus propósitos, diminuir a quantidade de leituras para os candidatos que prestariam os dois exames.

De acordo com registro do jornal *Folha de São Paulo* (1), no ano de 2014, a Universidade Estadual de Campinas divulgou uma nova lista de livros de leitura obrigatória que passaria a ser utilizada a partir do vestibular de 2016. Segundo o mesmo jornal (2), a referida lista passou a abarcar diferentes gêneros literários, o que configurava uma novidade até então.

Vale ressaltar que a partir do VU de 2015, devido a uma mudança na estrutura do Vestibular Unicamp, a primeira fase⁸, constituída por testes de múltipla escolha, passou a contemplar questões de literatura também. Contudo, as questões de literatura da primeira fase não foram estudadas nesta monografia porque o objetivo central desta

⁷ Cf. MAIA, 2013.

⁸ É importante explicar que a primeira fase do vestibular 2015 foi aplicada em novembro de 2014. Afinal, a primeira fase sempre acontece no ano anterior.

pesquisa está direcionado à segunda fase do vestibular, visto que entendemos que é esse recorte que nos possibilita estabelecer contrastes entre a *tradição* e a *inovação* existentes no exame. No que se refere à composição do VU, Fidelis (2008, p. 97) esclarece que, a partir de 1987, a universidade optou por um exame inovador, pois:

As provas da Unicamp se pretendem distintas das demais deste gênero tanto em relação à sua formulação quanto à sua filosofia. A distinção se faz, primeiramente, por questões de formulação. Num ambiente em que ainda prevaleciam as questões de múltipla escolha (pelo menos em uma das etapas do processo seletivo), a Unicamp, ao contrário, propõe questões, tanto na primeira quanto na segunda fase, de caráter dissertativo (...).

O Vestibular Unicamp manteve esse modelo de 1987 a 2010, mas mesmo quando a primeira fase do vestibular era de questões dissertativas, as questões de literatura eram cobradas apenas na segunda fase. Ademais, entendemos que há diferenças estruturais nas avaliações no que diz respeito a questões dissertativas e questões de múltipla escolha. A começar pelo fato de que o segundo tipo de prova é corrigido por “máquinas”, enquanto perguntas discursivas são avaliadas por corretores humanos, além disso, entendemos que o candidato, ao respondê-las, tem a oportunidade de mostrar, efetivamente, o seu conhecimento acerca do conteúdo, enquanto que nas questões testes ele apenas reconhece aquela alternativa que lhe parece ser a mais correta.

Nesta monografia, objetivamos analisar as questões de leitura literária das provas de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da segunda fase do Vestibular Unicamp, levando em conta o fato de que são questões que cobram a leitura de obras literárias (canônicas ou não) presentes na lista de leitura obrigatória do vestibular da referida universidade.

É importante dizer que antes de estudar as provas de literatura do Vestibular Unicamp, de 2016 a 2019 – conforme já aqui justificado – objetivamos também mostrar um panorama dessas provas de literatura da universidade, de 1987 a 2015, a fim de entender suas características principais, observar os gêneros literários mais citados e também a nacionalidade dos autores. Buscamos ainda apresentar uma reflexão teórica dos temas relacionados ao objeto de estudo desta monografia, tais como: literatura e ensino, leitura literária, construção do cânone e gêneros literários, para então compreender melhor o contexto em que o VU de literatura está inserido. Assim, esta

pesquisa visa compreender esse exame, de uma maneira mais aprofundada, problematizando as seguintes questões:

- As obras que fazem parte da lista de leituras obrigatórias do Vestibular Unicamp pertencem ao cânone literário?
- A partir de 2016, após a ruptura com o Vestibular Fuvest no que diz respeito à lista de leitura conjunta, quais mudanças ocorreram na lista da Unicamp?
- Como se estruturam as questões da prova de Literatura? Elas se preocupam em estabelecer intertextualidades? Apresentam excertos das obras nas questões? São questões voltadas para o enredo ou para as características estilísticas e temáticas dos autores e das obras? São questões que visam a aferir a leitura ou não da obra? Há diferenças (de que ordem, de que tipo) entre os itens “a” e “b” nas questões de literatura?

Em síntese, como hipótese deste estudo, temos a ideia de que a prova de literatura da segunda fase da Unicamp pode ser considerada inovadora e também um exame de ruptura⁹, diferentemente de outros vestibulares e exames, vistos como mais tradicionais, que cobram obras canônicas e/ou conteúdos ligados à historiografia literária.

⁹ De maneira resumida, entendemos como *ruptura* a ideia de se cobrar no vestibular obras consideradas não canônicas.

CAPÍTULO I – Ensino de literatura e leitura literária: reflexões teóricas

1.1. Contextualização: Literatura, ensino e leitura literária

De fato, muitas vezes, o acesso à literatura não é uma tarefa simples, como bem reconhece Candido (2011). O crítico literário, em seu ensaio intitulado *O direito à literatura*, defende que as pessoas têm direito não apenas à moradia, alimentação, educação e saúde, mas elas também têm direito de ter acesso à alta cultura, seja ela qual for, literária ou musical, por exemplo. Segundo o autor, a literatura é uma manifestação universal, existente em todos os tempos e povos. E ele a concebe, assim como nós, de maneira ampla:

Chamarei de literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 176).

Para o autor, não é possível viver sem literatura, sem contato com algum tipo de fabulação. Nas suas palavras: “ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (CANDIDO, 2011, p. 176). Assim como ele, entendemos que o acesso à literatura é um direito humano, por isso a relevância de estudá-la na escola e, por extensão, sua presença em provas de um vestibular tão prestigiado nacionalmente como é o da Unicamp.

De acordo com Cosson, por meio da leitura e da escrita literária é que se mostra “(...) a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos” (COSSON, 2016, p. 16). Defendemos essa ideia de literatura compartilhada democraticamente, tal como o autor.

No que se refere à relevância da literatura no ambiente escolar, Cosson (2016, p. 20) justifica que ela “serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Além disso, concordamos com Silva (2005, p. 35-36) quando elucida que

a escola tem papel primordial na formação de leitores/produtores de textos e a literatura pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos como usuários da língua que ampliarão as estratégias comunicativas, a partir da leitura crítica, compreensão e produção de textos diversos.

Nesse sentido, torna-se difícil pensar e discutir a presença da literatura no vestibular sem se ponderar a respeito da forma como o seu ensino tem sido realizado no meio escolar. Cosson (2016) aponta para uma espécie de tensão no que concerne a esse ensino, pois para alguns a literatura é algo do passado e, por isso, não é necessário ensiná-la na escola. O autor critica ainda como essa disciplina tem sido muitas vezes ministrada no ambiente escolar, segundo ele, de um modo pouco proveitoso, pois ela não está sendo aprendida “(...) para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2016, p. 23).

Conforme explicamos anteriormente, a nosso ver, a leitura é de grande importância na formação de sujeitos, cidadãos, por isso entendemos que o processo de leitura literária é relevante não só no âmbito escolar e universitário, mas em diversas áreas de nossas vidas. Petit (2009), no segundo capítulo da obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, ao comentar acerca da influência da leitura na vida de jovens pertencentes a bairros marginalizados de grandes cidades francesas, discute diversas questões ligadas a essa temática e às transformações que a leitura ocasionou na vida dessas pessoas, como a oportunidade de “ter acesso ao saber”, “apropriar-se da língua”, “construir-se a si próprio” etc. Concordamos com a visão da autora, quando afirma que:

No passado, muitos saberes podiam ser transmitidos sem o auxílio da escrita. As pessoas aprendiam de uma só vez as ações que iriam repetir por toda a vida. Hoje em dia está cada vez mais imprescindível poder, no decorrer da vida, iniciar-se em novas técnicas e em novos campos. Além disso, é bom lembrar que não se adquire um saber apenas para fins de uso imediato, prático. Pode ser também um meio para não se sentir “bobo”, não ficar à margem de seu tempo. E isto é algo que se observa tanto no meio rural como no meio urbano marginalizado (...) (PETIT, 2009, p. 65).

Corroboramos que a literatura é fundamental para a formação dos indivíduos, não só no sentido subjetivo e cultural, mas também porque ela é capaz de impulsionar os estudantes a se tornarem cidadãos mais críticos e proficientes em sua própria língua. Cosson (2016) argumenta que, em vez de a escola priorizar a crítica, a teoria ou a história literária, o ensino deveria privilegiar a leitura integral dos textos literários (tal como parece ser a proposta da prova de literatura do VU). Para o autor, a leitura na escola deve ser realizada não apenas pelo prazer gerado pelo ato de ler, afinal, o ensino precisa priorizar a formação do aluno, visto que a literatura faz parte do currículo escolar.

Assim como Cosson (2016), entendemos que conforme aumentamos nossas leituras, acabamos por nos aprofundar no percurso formativo como leitores literários. Dessa forma, depreendemos que a experiência literária vivida pelos candidatos que se preparam para o VU e leem as obras indicadas pela lista pode ser grandiosa e enriquecedora, se for trabalhada de uma forma que valorize a leitura literária dos alunos, não apenas a memorização ou verificação de conteúdos. E quando pensamos no ato de “ler literariamente”, remetemo-nos à seguinte concepção:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções (PAULINO, 2014).

A autora também explica que esse tipo de leitura nos ajuda a ponderar o contexto em que estamos inseridos, o que possibilita redirecionar a vida culturalmente. Paulino (2014) elucida ainda que é necessário “definir a identidade da leitura literária através do emprego da língua numa arte específica, que se costuma, desde o latim, denominar literatura”. Assim, segundo ela, a leitura literária diz respeito à *arte literária* e apresenta um lugar definido em nossa sociedade. Para a autora:

(...) a *leitura literária* requer liberdade, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar suas singularidades. As preferências de cada um são respeitadas para que ocorra de fato uma *leitura literária* (PAULINO, 2014 – grifos da autora).

Dessa maneira, diante de tudo o que foi exposto e discutido nesta seção da pesquisa, entendemos, assim como Silva que:

É preciso que a escola amplie o leque de atividades, visando à *leitura da literatura* como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos. O aluno-leitor deve sentir-se motivado a ler o texto, independentemente da imposição de tarefas escolares (SILVA, 2005, p. 30 – grifos da autora).

Compreendemos, tal como a autora, que muitas vezes a escola acaba privilegiando um certo tipo de “ensino da literatura”, em que a leitura do professor se difere da dos alunos, leituras que são distintas devido à divergência de repertórios culturais, de experiências de vida etc. Concordamos com o ponto de vista de Silva, que

afirma que seria necessária uma combinação entre a “leitura da literatura” e o “ensino de literatura” no ambiente escolar, visto que eles “(...) são dois níveis dialeticamente relacionados” (SILVA, 2005, p. 30).

1.2. Cânone e listas de leitura

Quando pensamos em literatura no vestibular, torna-se difícil logo não relacioná-la ao cânone literário, pois notamos que, de modo geral, as listas de livros cobradas nos vestibulares nacionais costumam ser majoritariamente compostas por obras canônicas. Moreira (2003, p. 92) explica que o cânone

(...) funciona como uma espécie de memória literária, uma espécie de Biblioteca de Alexandria que, caso ainda existisse, guardaria todo o patrimônio literário da humanidade. Trazido para o contexto da contemporaneidade, o cânone transforma seu conceito, passando a ser entendido como uma lista seletiva desse material, na qual importa menos discutir os nomes de autores e de obras que o compõem, do que a função que se pode atribuir a essa relação (ou cânone).

Moreira (2003, p. 90) esclarece que “do substantivo cânone, procede o adjetivo canônico e o verbo canonizar, que se refere tanto à recepção de um texto como à identificação de um homem religioso, considerado como santo ou escolhido”. Assim, a partir do século XVIII, a palavra cânone, que antes era utilizada apenas no sentido religioso, voltou a ser empregada na acepção que era utilizada pelos filólogos alexandrinos, ou seja, uma lista que apresenta “(...) os autores (escritores e oradores) mais significativos para estudo da língua, sentido com o qual ingressou no campo histórico” (MOREIRA, 2003, p. 90).

Dessa forma, falar a respeito do cânone não é tarefa simples, visto que ele envolve diversas questões que transcendem o campo literário. Muzart (1995), em seu artigo denominado *A Questão do Cânone*, explica que poderia discutir o tema de diversas formas, pensando, por exemplo, nas minorias, na influência das universidades, do eixo Rio/São Paulo/Minas, afinal, de acordo com a autora:

(...) só é canonizado o escritor que, vivendo nessas regiões, pode frequentar determinados círculos de influência, professores dos cursos de pós-graduação, críticos literários, redatores de jornais, por exemplo, resenhistas como os dos grandes jornais *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, para citar só os maiores. Um exemplo: a *Folha de São Paulo*, em geral, prefere analisar estrangeiros, traduzidos pela Companhia das Letras. Só os escritores mais conhecidos obtêm guarida em suas páginas. É raríssimo aparecer um

escritor brasileiro desconhecido. De vez em quando, a *Folha* abre uma exceção mas nunca para o escritor da província e lá publicado (MUZART, 1995, p. 85).

Relacionando a discussão ao contexto dos exames vestibulares, Fidelis (2008) argumenta que o vestibular (não só o da Unicamp), ao selecionar obras que devem ser lidas, acaba constituindo um cânone próprio,

legitimando-o pelo próprio processo de escolha que, por si, põe em operação um processo de canonização, por meio do poder institucional (a força de quem diz) e de sua crítica especializada (o conjunto de acadêmicos que passa a referir-se a essas obras) (FIDELIS, 2008, p. 96).

Na visão de Furlan e Abaurre (1993), ler obras de autores consagrados, como Machado de Assis e Camões, não se resume a meramente ter contato com textos de diferentes escolas literárias, pois:

O que cada um desses autores apresenta, em seus textos, é uma visão privilegiada de um momento histórico, de aspectos culturais característicos de sua gente, até mesmo um retrato da mentalidade das pessoas no momento em que escreveram suas obras (FURLAN e ABAURRE, 1993, p. 8).

Desse modo, os autores explicam que por meio da leitura de textos que compõem a literatura de um povo, torna-se possível, por exemplo, estudar a sua história. (FURLAN e ABAURRE, 1993).

Muzart (1995) entende que as universidades do país acabam se repetindo no tocante aos autores estudados, e quando se voltam à literatura contemporânea, acabam se concentrando em nomes já canonizados, como Clarice e Guimarães Rosa. E pensando no contexto do VU, Fidelis (2008, p. 105-106) pondera a respeito da questão da lista, relacionada ao cânone, ao explicar que:

A lista legitima-se como cânone através de quatro instâncias: o próprio processo de escolha; a força de quem diz, no caso, a instituição Unicamp; o público que garante um status a essas obras (talvez não por sua importância como repertório cultural, mas por ser um dos instrumentos que viabiliza um melhor desempenho no processo seletivo), pela crítica que produz uma série de resumos, resenhas, comentários, discussões e apreciações sobre esses textos e o mercado editorial que promove a contínua edição ou a reedição das obras.

Já no que diz respeito ao efeito retroativo dessas listas de obras literárias cobradas nos vestibulares no ambiente escolar, Cereja (2005) pontua que essa reação, por um lado, não é negativa, afinal, elas podem direcionar os estudantes em suas leituras extras. Para ele, a perda ocorre quando os alunos deixam de ler outras obras que poderiam enriquecê-los como leitores para priorizar apenas os livros voltados a esses exames. Efeito esse que pode até mesmo afetar os professores, os quais, em vez de se dedicarem à leitura de novas obras contemporâneas, precisam ler ou reler as obras presentes nas listas, preocupados com suas aulas no ensino médio.

Dessa forma, concordamos com Cereja (2005) quando ele reconhece que as listas podem apresentar aspectos negativos, como por exemplo, o fato de muitos estudantes interpretarem que aquelas obras, única e exclusivamente, devem ser o principal assunto a ser tratado nas suas aulas de literatura do ensino médio. O autor critica que diversos conteúdos literários interessantes, que poderiam ser ensinados na escola, são deixados de lado em prol de uma preocupação excessiva em relação aos livros do vestibular.

Assim, em vista das ideias e argumentos apresentados, entendemos que, de certa forma, as listas influenciam significativamente o processo de escolha dos conteúdos que serão abordados nas escolas. Em entrevista ao G1 (3), José Alves de Freitas Neto, coordenador executivo da Comvest, afirma que o VU não demanda apenas a leitura de obras clássicas. Segundo ele, a universidade concebe a literatura como uma forma de se ler o mundo e por isso está sempre inovando em suas escolhas. Desse modo, apesar das desvantagens existentes, como as mencionadas por Cereja, acreditamos que, de modo geral, a influência do VU no ensino de literatura pode ser benéfica, principalmente agora como o novo formato da lista, que abarca obras não canônicas e poucos evidenciadas. Trataremos dessas mudanças a seguir.

1.3. Inovações no Vestibular Unicamp e ensino de literatura

Conforme já foi explicado, o objeto de estudo da presente pesquisa é a prova de literatura que acontece na segunda fase do Vestibular Unicamp e se baseia em uma lista de livros que norteia o conteúdo que poderá ser exigido (pois nem todas as obras são cobradas) nessa prova. Inferimos que a presença de obras literárias no VU faz com que a literatura tenha um maior valor no campo educacional, pois a obrigatoriedade dos

livros cobrados no vestibular mobiliza os estudantes para o contato com obras diversificadas.

Dessa forma, para mostrar como o VU tem inovado em suas escolhas literárias, podemos citar a inclusão do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, na lista de 2019 (COMVEST, 2018a). A referida obra, publicada na década de 1960 e escrita por Carolina, uma mulher negra, semialfabetizada, mãe e favelada, mostra a dura e cruel realidade vivida na favela, do ponto de vista da autora, tal como exposto em seu diário. Além de *Quarto de Despejo*, houve também outra grande inovação na lista de 2019, que foi a inclusão da obra *A teus pés*, de Ana Cristina César, uma poeta da Geração Mimeógrafo¹⁰.

Na visão de Abreu (2004) – e também na nossa – é importante que haja espaço, no ensino de literatura, para obras diversificadas, sejam elas populares ou eruditas. A autora afirma que os textos canônicos não devem ser deixados de lado, pois dessa forma a literatura “pode favorecer o encontro com a alteridade (alteridade de temas, alteridade de modos de se expressar, alteridade de critérios de avaliação).” (ABREU, 2004, p. 111). A opinião da autora é ratificada por Silva (2005, p. 36):

É necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, como instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. No diálogo entre o mundo empírico e o universo ficcional, a literatura pode produzir significado para o contexto em que vivemos.

Em comum acordo com Abreu (2004) e Silva (2005), é possível afirmar que a inserção das obras *Quarto de Despejo* e *A teus pés* na lista do VU 2019 pode refletir consequências positivas para o ensino-aprendizagem de literatura nas escolas de educação básica, assim como suscitar discussões teóricas e fomentar críticas em nosso país, já que são obras consideradas de ruptura, que não fazem parte do discutível cânone literário nacional. Depreendemos, portanto, que a presença desses livros no vestibular enriquece o debate literário nas escolas, além de evidenciar obras que, muitas vezes, não são consideradas importantes em nossa sociedade, afinal, conforme afirma Abreu, “Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política” (ABREU, 2004, p. 112).

¹⁰ Aliás, vale dizer que até metade do século XX, as mulheres não constavam como autoras no cânone nacional. Rachel de Queiroz foi a primeira autora mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1977, e para que essa inovação/revolução ocorresse, foi necessário mudar o estatuto da ABL.

Notamos que as mudanças nas listas de livros selecionados para o VU muitas vezes são noticiadas em veículos da imprensa, devido à relevância da Unicamp e dessa temática para a Educação. Apesar de a lista de 2020 não ser objeto de estudo desta pesquisa, consideramos importante mencionar o fato de a universidade ter inserido nela o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais Mc's, na categoria poesia. A referida inclusão gerou diversos tipos de reações, algumas positivas, como se pode observar, por exemplo, em uma reportagem divulgada na *Revista Cult* (5), e outras negativas, como em um ensaio disponível na *Gazeta do Povo* (4).

Vestibulares normalmente são voltados a um público específico: estudantes que estão cursando o ensino médio e os que já o finalizaram e desejam ingressar no ensino superior. Logo, grande parte dos candidatos que realizam essas provas são jovens, portanto, incentivar a leitura de um álbum de *rap*, como é o caso de *Sobrevivendo no Inferno*, é propor uma obra que dialoga com esse universo juvenil, e que aborda um contexto relacionado à realidade de muitos adolescentes brasileiros. Compartilhamos da visão de Petit (2009, p. 78) quando a autora francesa afirma que “(...) não é um luxo poder pensar a própria vida com a ajuda de obras de ficção ou de testemunhos que tocam no mais profundo da experiência humana”. Por isso, entendemos a inclusão dessa obra como um gesto muito inovador do VU, além de relevante socialmente, pois dessa forma, as poesias dos Racionais Mc's podem alcançar, de modo singular, pessoas de diferentes camadas sociais, e, por extensão, despertar a academia e as instituições de ensino para discussões que incluam o gênero *rap* e outras temáticas relacionadas.

1.4. Gêneros literários

É sabido que o VU cobra, em sua prova de literatura, variados gêneros literários. Por isso, trataremos adiante dos gêneros presentes no recorte investigado. É importante ressaltar que sabemos que categorizar gêneros literários não é tarefa simples. Nesse sentido, Neves (2014, p. 40) nos esclarece que:

O conceito de gênero literário pode ser considerado uma das categorias mais antigas para pensar a história da literatura – basta que tomemos essa locução como uma etiqueta cuja utilidade maior é identificar e agrupar obras literárias que apresentam características comuns. Uma definição mais rígida desses gêneros surge com o Renascimento, mas o termo “gênero”, de origem latina (*genus*, -eris), tem origem nas ciências naturais, e significa, no campo da biologia, tempo de nascimento, de origem, espécie, geração (...) Em se tratando

de literatura, a tendência de reunir e classificar as obras literárias em gêneros surge na Antiguidade Clássica, com Platão e Aristóteles, e persiste até hoje, fomentando ainda discussões teóricas sobre a pertinência ou mesmo a validade dessas classificações entre os mais renomados críticos literários.

Soares (1993) elucida que, com o passar do tempo, a maneira de caracterizar os gêneros – muitas vezes ligada a aspectos normativos ou descritivos – vem se distinguindo.

Em defesa de uma universalidade da literatura, muitos teóricos chegam mesmo a considerar o gênero como categoria imutável e a valorizar a obra pela sua obediência a leis fixas de estruturação, pela sua “pureza”. Enquanto outros, em nome da liberdade criadora de que deve resultar o trabalho artístico, defendem a mistura dos gêneros, procurando mostrar que cada obra apresenta diferentes combinações de características dos diversos gêneros (SOARES, 1993, p. 7-8).

Segundo a autora, existe ainda a questão relacionada ao número de gêneros. Soares (1993) aponta o surgimento de obras que não se encaixariam nas teorias já existentes e questiona se a divisão (entre gênero lírico, épico e dramático) ou a criação de um novo gênero seriam suficientes para abranger todos os textos literários.

Nesta monografia, não pretendemos realizar uma discussão aprofundada sobre a temática dos gêneros literários, assim como de seus desdobramentos conceituais e históricos. Acreditamos que seja importante, no âmbito desta pesquisa, apenas conceituar, de maneira resumida, os gêneros literários presentes nas listas de obras obrigatórias cobradas no VU, dentro do recorte estudado.

Assim sendo, de acordo com Soares (1993), o *romance* é estruturado por certos itens, que são: enredo, personagens, espaço, tempo e ponto de vista da narrativa. A autora afirma que ele surgiu na Idade Média, na forma de romance de cavalaria. Em seguida, nos períodos renascentista e barroco, passou a se manifestar de outras formas. Contudo, contextualiza a autora, é em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes que:

(...) podemos localizar o nascimento da narrativa moderna que, apresentando constantes transformações, vem-se impondo fortemente, desde o século XIX, quando – quase sempre publicada em folhetins – se caracterizou sobretudo pela crítica de costumes ou pela temática histórica. Estas chegam até nossos dias, juntamente com as narrativas que, nos moldes impressionistas, são calcadas no fluxo de consciência e nas análises psicológicas, ou as que optam por uma forma de realismo maravilhoso ou de ficção-ensaio (SOARES, 1993, p. 42-43).

Já o *conto* é uma “forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias.” Segundo Soares (1993), é como se o conto fosse um flagrante, em que é possível observar um episódio representativo. Além disso, ele “elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço” (SOARES, 1993, p. 54).

Caldas Aulete (2019) apresenta diversas definições para *poesia*. Assim, podemos compreendê-la como uma “forma de expressão artística através de uma linguagem em que se empregam, segundo certas regras, sons, palavras, estruturas sintáticas etc.”. E como o próprio dicionário define, a poesia é “esse modo de expressão, estabelecido como gênero literário.”

O *teatro*, por sua vez, pode ser entendido como “gênero literário dramático” (ABL, 2008). E de acordo com Soares (1993), o gênero dramático pode ser dividido em categorias, tais como: o auto, a tragédia, a comédia e o drama.

No que diz respeito ao gênero *diário*, não encontramos um conceito que o defina literariamente, porém o entendemos como um gênero que apresenta, de modo literário, registros de acontecimentos da vida de uma pessoa, confissões de seus sentimentos, relatos de uma viagem etc., e como característica formal, a marcação do dia, mês e ano dos episódios vivenciados.

Por fim, considera-se *sermão* o “discurso de natureza religiosa feito num púlpito, em igrejas católicas, protestantes etc.” (CALDAS AULETE, 2019). O sermão como gênero literário consta de forma escrita, diferentemente de um sermão que só é proferido oralmente.

CAPÍTULO II – Definição da metodologia e do objeto de pesquisa

2.1. Materiais e Métodos

Primeiramente, para situar o objeto de pesquisa desta monografia, utilizamos livros, o *site* da Comvest, entre outras fontes que possibilitaram explorar os conteúdos estudados. Dessa forma, na introdução apresentamos o assunto abordado, que é o Vestibular Unicamp e sua relevância. Em seguida, no capítulo I, explanamos acerca de temas relacionados ao nosso objeto de estudo, baseando-nos também em livros, artigos e outras fontes confiáveis de pesquisa. Posteriormente, fizemos um mapeamento do vestibular de literatura da universidade, que será mostrado no capítulo III, ou seja, buscamos mostrar um panorama do período de 1987 a 2015, para, dessa forma, conhecer mais a respeito do VU de literatura.

Para a realização dessa primeira parte da pesquisa, utilizamos o material que se encontra disponível no *site* da Comvest¹¹. Vale ressaltar que essa primeira etapa foi bastante trabalhosa, principalmente porque a coleta de dados referente às obras abordadas no VU, no referido período, exigiu tempo de busca para consultar arquivos antigos da Comvest. Em seguida, também coletamos o material referente ao segundo recorte analisado – as questões de literatura da segunda fase, de 2016 a 2019 – que é o objeto de estudo do presente trabalho.

Assim sendo, o *corpus* analisado nesta monografia é constituído por materiais, como as provas de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, que estão disponíveis no portal da Comvest (2018). Trata-se, portanto, de uma pesquisa documental, uma vez que entendemos esses exames disponibilizados como documentos históricos da universidade. Segundo Gil (2002, p. 45):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes: Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

¹¹ COMVEST. Comissão permanente para os vestibulares. **Anos anteriores**. Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-antiores/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

E de acordo com Pádua (2016, p. 73) esse tipo de pesquisa se baseia em “(...) documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados)”. Assim, a autora explica que a pesquisa documental

(...) tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências; além das fontes primárias, os documentos propriamente ditos, utilizam-se as fontes chamadas secundárias, como dados estatísticos, elaborados por institutos especializados e considerados confiáveis para a realização da pesquisa.

Nesta pesquisa, partimos de uma concepção de *documentos* mais abrangente, conforme define Pádua (2016, p. 74), ao explicar que a palavra documento, em latim *documentum*, seria “aquilo que ensina ou serve de exemplo ou prova.” Desse modo, tal como Pádua, temos um entendimento mais extenso atinente à pesquisa documental, que vai além das ciências sociais e da investigação histórica (PÁDUA, 2016, p. 74).

No que concerne à análise das questões, baseamo-nos na visão de produção de conhecimento interpretativista de Moita Lopes (1994, p. 331) e nela, segundo o autor: “o acesso ao fato deve ser feito de forma indireta através da interpretação dos vários significados que o constituem.” Ele explica que:

(...) na visão interpretativista, os múltiplos significados que constituem as realidades só são passíveis de interpretação. É o fator qualitativo, ie, o particular que interessa. Para se falar de generalização é necessário que esta seja entendida de forma diferente, já que não procede de uma causa observável. É uma generalização construída intersubjetivamente, que privilegia a especificidade, o contingente e o particular (MOITA LOPES, 1994, p. 332).

Assim sendo, no capítulo III, na seção que apresentamos a análise das questões, nós respondemos cada uma dessas questões de literatura propostas na segunda fase do VU 2016 ao VU 2019, sempre observando os aspectos elencados na terceira pergunta¹² apresentada na problematização desta pesquisa, que versa sobre a leitura literária. E por fim, nas considerações finais, são mostrados os resultados alcançados nesta pesquisa que a monografia contempla.

¹² Como se estruturam as questões da prova de Literatura? Elas se preocupam em estabelecer intertextualidades? Apresentam excertos das obras nas questões? São questões voltadas para o enredo ou para as características estilísticas e temáticas dos autores e das obras? São questões que visam a aferir a leitura ou não da obra? Há diferenças (de que ordem, de que tipo) entre os itens “a” e “b” nas questões de literatura?

CAPÍTULO III – A prova de literatura do Vestibular Unicamp: tradição e ruptura

3.1. Análises iniciais

No que diz respeito ao primeiro recorte, optamos por categorizar em gêneros as obras que foram cobradas durante o período analisado (1987 a 2015). Foi possível notar que algumas se repetiam em anos diversificados, mas na tabela que confeccionamos¹³, elas foram citadas apenas uma vez, para que dessa forma fosse possível enfatizar a ocorrência de gêneros e eliminar possíveis redundâncias de nomes de autores e obras. Objetivamos apresentar um panorama das obras literárias cobradas no VU ao longo desse período.

No levantamento de dados, tomamos como ponto de partida o vestibular de 1987, ou seja, um exame aplicado há trinta e dois anos, mas que é disponibilizado, juntamente com as demais provas de todos os anos (de 1987 a 2019), no *site* da Comvest¹⁴. As questões de literatura de todas as provas antigas foram consultadas uma a uma, para que assim pudéssemos elencar quais obras foram cobradas, ano a ano, nos respectivos vestibulares. Ressaltamos que não foi possível consultar as listas completas de livros dos exames mais antigos, pois a comissão só disponibiliza o manual do candidato a partir do VU 2004. Por isso, elencamos apenas as obras cobradas nas provas de literatura da segunda fase, cujas questões são dissertativas (diferentemente da primeira fase, que são testes de múltipla escolha desde o VU 2011).

No que se refere ao gênero poesia, vale destacar que foram listados poemas citados em determinados exames, ou seja, citamos o título do poema e não a obra em que ele se encontra inserido¹⁵. Entretanto, em outros casos, quando o nome da obra poética apareceu nas provas, nós o mencionamos. Em resumo, e de maneira geral, em todos os outros gêneros buscamos citar o nome das obras e seus respectivos autores.

Nesta primeira parte da pesquisa, constatamos que, de 1987 a 2015, as provas de literatura do VU abordaram os seguintes gêneros: romance, conto, novela, poesia, teatro e manifesto literário. Foi possível perceber, quantitativamente, o predomínio dos

¹³ Tabela presente no APÊNDICE 1.

¹⁴ Cf. COMVEST. Comissão permanente para os vestibulares. **Anos anteriores**. Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-antecedentes/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

¹⁵ Algumas provas mais antigas apresentam apenas os títulos dos poemas, diferentemente das mais atuais, que apresentam as referências completas das obras.

gêneros romance e poesia; e qualitativamente, que as obras cobradas eram de autores do eixo Brasil-Portugal. Além disso, notamos que as obras literárias cobradas ao longo desses 28 anos eram, via de regra, canônicas.

3.2. A prova de literatura do Vestibular Unicamp de 2016 a 2019

Primeiramente, apresentaremos aqui as listas de obras dos vestibulares de 2016 a 2019, cujas leituras são necessárias para a realização da prova de literatura do VU. E, posteriormente, as análises realizadas. Conforme já explicado, a lista do VU 2016 foi a primeira a ser divulgada após a ruptura com o vestibular da USP, com quem a Unicamp manteve uma lista conjunta de obras literárias, de 2007 a 2015¹⁶.

3.2.1. Lista de obras do VU 2016

Poesia: *Sentimento do Mundo* - Carlos Drummond de Andrade;

Sonetos - Luís de Camões.

Conto: *A hora e a vez de Augusto Matraga* - Guimarães Rosa;

Amor - Clarice Lispector;

Negrinha - Monteiro Lobato.

Teatro: *Lisbela e o prisioneiro* - Osman Lins.

Romance: *Viagens na Minha Terra* - Almeida Garrett;

Til - José de Alencar;

Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis;

O cortiço - Aluísio Azevedo;

Capitães da Areia - Jorge Amado;

Terra Sonâmbula - Mia Couto.

¹⁶ Após 8 anos, Unicamp divulga lista própria de livros para vestibular. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/04/1447673-apos-oito-anos-unicamp-divulga-lista-propria-de-livros-para-vestibular-2016.shtml>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

3.2.2. Lista de obras do VU 2017

Poesia: *Sonetos* - Luís de Camões;

Poemas Negros - Jorge de Lima.

Conto: *A hora e a vez de Augusto Matraga* - Guimarães Rosa;

Amor - Clarice Lispector;

Negrinha - Monteiro Lobato.

Teatro: *Lisbela e o prisioneiro* - Osman Lins.

Romance: *Til* - José de Alencar;

Coração, cabeça e estômago - Camilo Castelo Branco;

Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis;

O cortiço - Aluísio Azevedo;

Caminhos Cruzados - Érico Veríssimo;

Terra Sonâmbula - Mia Couto.

3.2.3. Lista de obras do VU 2018

Poesia: *Sonetos* - Luís de Camões;

Poemas Negros - Jorge de Lima.

Conto: *A hora e a vez de Augusto Matraga* - Guimarães Rosa;

Amor - Clarice Lispector;

Negrinha - Monteiro Lobato;

O espelho - Machado de Assis.

Teatro: *O bem-amado* - Dias Gomes.

Romance: *Coração, cabeça e estômago* - Camilo Castelo Branco;

O cortiço - Aluísio Azevedo;

Caminhos Cruzados - Érico Veríssimo;

Terra Sonâmbula - Mia Couto.

Sermões: Padre Antonio Vieira

(1) *Sermão de Quarta-feira de Cinza* - Ano de 1672;

(2) *Sermão de Quarta-feira de Cinza* - Ano de 1673, aos 15 de fevereiro, dia da transladação do mesmo Santo;

(3) *Sermão de Quarta-feira de Cinza* - Para a Capela Real, que se não pregou por enfermidade do autor.

3.2.4. Lista de obras do VU 2019

Poesia: *Sonetos* - Luís de Camões;

Poemas Negros - Jorge de Lima;

A teus pés - Ana Cristina Cesar.

Conto: *A hora e a vez de Augusto Matraga* - Guimarães Rosa;

Amor - Clarice Lispector;

O espelho - Machado de Assis.

Teatro: *O bem-amado* - Dias Gomes.

Romance: *Coração, cabeça e estômago* - Camilo Castelo Branco;

Caminhos Cruzados - Érico Veríssimo;

História do Cerco de Lisboa - José Saramago.

Diário: *Quarto de Despejo* - Carolina Maria de Jesus.

Sermões: Padre Antonio Vieira

(1) *Sermão de Quarta-feira de Cinza* - Ano de 1672;

(2) *Sermão de Quarta-feira de Cinza* - Ano de 1673, aos 15 de fevereiro, dia da transladação do mesmo Santo;

(3) *Sermão de Quarta-feira de Cinza* - Para a Capela Real, que se não pregou por enfermidade do autor.

3.3. Categorias de Análise

Apresentaremos a seguir as análises das questões de literatura presentes na segunda fase do VU de 2016 a 2019. Para fazer tais análises, organizamos as questões pela categoria *gêneros literários* e também nos dedicamos a responder às perguntas “a” e “b” propostas por essas provas.

3.3.1. Leitura literária de contos

4. “(...) E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:
- Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.”
(João Guimarães Rosa, A hora e a vez de Augusto Matraga, em *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 380.)

“(...) Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.
Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrando, sumido:
- Põe a bênção na minha filha..., seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!
Depois morreu.”
(Idem, p. 413.)

a) O segundo excerto, de certo modo, confirma os ditos do padre apresentados no primeiro. Contudo, “a hora e a vez” do protagonista não são asseguradas, segundo a narrativa, pela reza e pelo trabalho. O que lhe garantiu ter “a sua hora e a sua vez”?

b) “A hora e a vez” de Nhô Augusto relacionam-se aos encontros que ele tem com outro personagem, Joãozinho Bem-Bem, em dois momentos da narrativa. Em cada um desses momentos, Nhô Augusto precisa realizar uma escolha. Indique quais são essas escolhas que importam para o processo de transformação do personagem protagonista.

Figura 1 - Questão 4 de 2016. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/redport-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão “a” requer uma resposta mais pontual, direta: a hora e a vez de Nhô Augusto realizam-se na sua *morte*, em um duelo com Joãozinho Bem-Bem.

A “b” requer uma análise da obra como um todo: é preciso interpretar a trajetória de Nhô Augusto ao longo da narrativa, suas dúvidas existenciais (dividido entre o bem vs. mal), até chegar a sua escolha final: enfrentar Joãozinho Bem-Bem em um duelo e morrer defendendo os oprimidos.

4. Leia o seguinte trecho do conto "Amor", de Clarice Lispector.

"Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio."

(Clarice Lispector, *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 21-22.)

- a) Em textos de Clarice Lispector, é comum que um acontecimento banal se transforme em um momento perturbador na vida das personagens. Considerando o contexto do conto "Amor", indique que tipo de inquietações o acontecimento narrado acima acarreta na vida da personagem.
- b) A frase "olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê" sugere uma maneira pouco comum de olhar para as coisas. Explique o sentido que tem esse olhar profundo, a partir dali, na caracterização da personagem Ana.

Figura 2 - Questão 4 de 2017. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão "a" indaga a respeito do enredo do conto. A personagem Ana vivia uma vida comum e aparentemente feliz como dona de casa, esposa e mãe, mas após o encontro com o cego mascando chicles, sua percepção foi alterada. Dessa forma, notamos que essa questão exige que o candidato conheça o enredo e interprete as informações apresentadas no conto, ou seja, as sensações e percepções que o encontro com o inesperado, representado pelo cego, gerou em Ana.

A questão "b" exige que o candidato interprete a transformação da personagem Ana no que diz respeito a sua visão de si mesma e da realidade que a cerca. Ana passa por um momento de epifania e isso gera mudanças em sua subjetividade, uma espécie de autoconhecimento, que faz com que ela experimente novas sensações e reflita a respeito de sua vida e de sua condição na sociedade (dona de casa, esposa, mãe).



1.

"Parábola: s.f. Narrativa alegórica que evoca, por comparação, valores de ordem superior, encerra lições de vida e pode conter preceitos morais ou religiosos."

(Caldas Aulete, *Dicionário Aulete digital*. Disponível em www.aulete.com.br/parabola. Acessado em 12/07/2018.)

- a) Considera-se que a novela "A hora e vez de Augusto Matraga" tem semelhanças com o gênero parábola. Justifique essa afirmação com base em elementos da cena final da narrativa, relacionando-os com a definição apresentada.
- b) A identidade da personagem Augusto Matraga passa por um processo de transformação ao longo da narrativa. Tal processo é deflagrado por um evento que divide a vida do protagonista em duas fases. Indique o evento responsável por esse processo de transformação da personagem e explique de que maneira ele afetou a sua identidade.

Figura 3 - Questão 1 de 2019. Disponível em:

<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2019/F2/provas/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão "a" requer conhecimento do enredo do conto, pois o candidato precisa saber o que houve com a personagem Nhô Augusto ao final: participa de um duelo fatal com Joãozinho Bem-Bem e morre para defender um grupo de pessoas dos ataques do bando do inimigo. Aproxima-se de uma parábola, uma vez que essa morte de Augusto Matraga é simbólica, ensina uma moral cristã, a de que a morte é redentora. A personagem morre para salvar um povo oprimido, tal como Cristo, que morreu para salvar a humanidade.

A questão "b" também retoma o enredo do conto. O evento solicitado na questão é o momento em que Nhô Augusto é vítima de uma tocaia e é violentamente agredido pelos capangas do Major Consilva. A fim de escapar dos agressores, o protagonista se atira de um barranco e fica entre a vida e a morte. Essa tragédia faz Augusto Matraga se transformar: de homem ruim, violento e rude, ele passa a ser uma pessoa extremamente bondosa, trabalhadora e de fé.

3.3.2. Leitura literária de poesias

UNICAMP
vestibular
2016

5. Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões:

"Cá nesta Babilônia, donde mana
matéria a quanto mal o mundo cria;
cá donde o puro Amor não tem valia,
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
e pode mais que a honra a tirania;
cá, onde a errada e cega Monarquia
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza,
com esforço e saber pedindo vão
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,
cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!"

(Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acessado em 08/09/2015.)

a) Uma oposição espacial configura o tema e o significado desse poema de Camões. Identifique essa oposição, indicando o seu significado para o conjunto dos versos.

b) Identifique nos tercetos duas expressões que contemplam a noção de desconcerto, fundamental para a compreensão do tema do soneto e da lírica camoniana.

Figura 4- Questão 5 de 2016. Disponível em: < <http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/redport-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

De certa forma, a questão “a” requer o conhecimento de uma característica estilística presente nos sonetos camonianos, que é o uso de antíteses e paradoxos (a oposição solicitada: Babilônia vs. Sião). Por outro lado, na mesma questão, uma interpretação dessa oposição é solicitada, o que requer outra habilidade (leitura interpretativa) do candidato.

A questão “b” também remete a uma característica temática dos sonetos de Camões, que é o “desconcerto do mundo”. Porém, para respondê-la corretamente, é necessário que o candidato saiba interpretar o soneto. O desconcerto está no “caos”, na “confusão”, no “labirinto” dos versos.

UNICAMP
vestibular
2017

6. Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões.

<p>"Enquanto quis Fortuna que tivesse esperança de algum contentamento, o gosto de um suave pensamento me fez que seus efeitos escrevesse.</p> <p>Porém, temendo Amor que aviso desse minha escritura a algum juízo isento, escureceu-me o engenho com tormento, para que seus enganos não dissesse.</p>	<p>Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos a diversas vontades! Quando lerdes num breve livro casos tão diversos, verdades puras são, e não defeitos... E sabeí que, segundo o amor tiverdes, Tereis o entendimento de meus versos!"</p>
--	---

(Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acessado em 02/08/2016.)

a) Nos dois quartetos do soneto acima, duas divindades são contrapostas por exercerem um poder sobre o eu lírico. Identifique as duas divindades e explique o poder que elas exercem sobre a experiência amorosa do eu lírico.

b) Um soneto é uma composição poética composta de 14 versos. Sua forma é fixa e seus últimos versos encerram o núcleo temático ou a ideia principal do poema. Qual é a ideia formulada nos dois últimos versos desse soneto de Camões, levando-se em consideração o conjunto do poema?

Figura 5 - Questão 6 de 2017. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão “a” é de interpretação do poema como um todo, mas se inicia com uma “identificação” de divindades – algo fácil de localizar, até porque elas estão grafadas com letras maiúsculas. Em seguida, a pergunta requer uma compreensão/interpretação dessas divindades, o sentido que elas atribuem/representam junto ao eu-lírico do poema. A Fortuna *vs.* Amor: a primeira ajuda o poeta no seu engenho, ou seja, na sua produção poética; a segundo o perturba, desconcerta sua razão, atrapalhando assim seu engenho e arte.

A questão “b” também é interpretativa e cobra a compreensão dos versos finais. Os dois últimos versos explicam que só irão compreender o poema aqueles que, como o eu-lírico, estiverem tomados pelo amor, apaixonados.

UNICAMP
vestibular
2018

5. Na " Nota preliminar" escrita para a primeira edição do livro *Poemas negros*, de Jorge de Lima, o antropólogo Gilberto Freyre afirma que, graças à "interpretação de culturas, entre nós tão livre", e graças ao "cruzamento de raças", "o Brasil vai-se adoçando numa das comunidades mais genuinamente democráticas e cristãs do nosso tempo". Com base no poema "Democracia", responda às questões que se seguem.

DEMOCRACIA

<p>Punhos de rede embalarão o meu canto para adoçar o meu país, ó Whitman. Jenipapo coloriu o meu corpo contra os maus- [olhados, catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes, carumã me alimentou quando eu era criança, Mãe-negra me contou histórias de bicho, moleque me ensinou safadezas, massoca, tapioca, pipoca, tudo comi, bebi cachaça com caju para limpar-me, tive maleita, catapora e Inguas, bicho-de-pé, saudade, poesia; fiquei aluado, mal-assombrado, tocando maracá, dizendo coisas, brincando com as crioulas,</p>	<p>vendo espíritos, abusões, mães-d'água, conversando com os malucos, conversando sozinho, emprenhando tudo que encontrava, abraçando as cobras pelos matos, me misturando, me sumindo, me acabando, para salvar a minha alma benzida e meu corpo pintado de urucu, tatuado de cruces, de corações, de mãos-ligadas, de nomes de amor em todas as línguas de branco, [de mouro ou de pagão.</p>
--	---

(Jorge de Lima, *Poesias completas*, v. I. Rio de Janeiro/Brasília: J. Aguilar/INL, 1974, p.160, 164-165.)

a) A ideia de "adoçamento" social está presente tanto no poema de Jorge de Lima quanto no texto de Gilberto Freyre. Aponte dois episódios da formação do poeta, referidos no poema, que exemplificam essa interpretação. Justifique sua escolha.

b) Considerando elementos da composição do poema, explique de que maneira a ideia de "democracia", presente no título, manifesta-se no texto.

Figura 6 - Questão 5 de 2018. Disponível em:

<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2018/F2/provas/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão "a" é intertextual, visto que relaciona o poema de Jorge de Lima, transcrito na prova, a excertos da nota preliminar de Gilberto Freyre, contida na primeira edição de *Poemas Negros*, obra do poeta. Assim, é necessário que o candidato interprete o poema e o relacione com a ideia defendida por Freyre: a de que a mestiçagem e o contato de diferentes culturas serviram para "adoçar o Brasil" – e, por conseguinte, o brasileiro – tornando nosso país mais democrático. A posição de Freyre pode ser relacionada a versos em que o eu-lírico expõe que aprendeu a ser mais dócil, mais cordial, graças à religião ("catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes") e ao contato com as culturas africana ("mãe-negra me contou histórias de bicho" / "dizendo coisas, brincando com as crioulas") e indígena ("e meu corpo pintado de urucu"). Enfim, no poema constatamos a presença de culturas distintas que se cruzam e constituem o eu-lírico, que representa o povo brasileiro miscigenado.

A questão "b" requer uma relação do título "democracia" com o que os versos de Jorge de Lima dizem. No poema, a miscigenação é tratada de modo "democrático", isto é, a mistura de raças e a convivência entre culturas distintas são descritas de maneira amistosa, harmônica, sem violência, sem hierarquias entre raças e culturas.



2.
Atrás dos olhos das meninas sérias

Mas poderei dizer-vos que elas ousam? Ou vão, por injunções muito mais sérias,
lustrar pecados que jamais repousam?

O texto acima encontra-se no livro *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar. Leia-o atentamente e responda às questões.

a) Indique a quem se referem, no texto, a segunda pessoa do plural (“vos”) e a terceira pessoa do plural (“elas”).

b) Por meio da partícula “Ou”, o poema estabelece uma alternativa entre duas situações: a ousadia e a ação de “lustrar pecados”. Explique de que maneira a primeira situação é diferente da segunda, levando em consideração o título do poema.

Figura 7 - Questão 2 de 2019. Disponível em:
<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2019/F2/provas/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão “a” solicita apenas um exercício de interpretação do poema. O pronome da segunda pessoa do plural, “vos”, refere-se aos leitores. Já o pronome da terceira pessoa do plural, “elas”, refere-se às meninas sérias do título.

A questão “b” demanda uma interpretação do poema como um todo e de sua relação ao título. A primeira parte do verso é separada da segunda parte pela conjunção “ou”. Nessa primeira parte, o eu lírico questiona a ousadia das meninas sérias, e na segunda, aponta a ação de “lustrar pecados”, de onde se interpreta que, apesar da aparente seriedade das meninas, “atrás dos seus olhos”, isto é, na sua alma, elas podem ser pecadoras, segundo a moral conservadora.

3.3.3. Leitura literária de romances

UNICAMP
vestibular
2016

6. “(...) Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcamos no Terreiro do Paço. Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro. Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra. Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar. Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar. Escusada é a jura, porém. Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não. Mas de metal! Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.”
(Almeida Garret, *Viagens na Minha Terra*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 316.)

a) Considerando a crítica ao contexto histórico e político de Portugal, o que significam as referências às possíveis estradas de papel, de metal e de pedra?

b) Utilizando elementos do enredo, identifique e descreva o personagem do romance que centraliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal, expressa no excerto acima de maneira irônica.

Figura 8 - Questão 6 de 2016. Disponível em: < <http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/redport-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

De modo geral, para responder a essa questão, o candidato teria que estar a par da história de Portugal, sobretudo da luta entre liberais/progressistas (Portugal moderna) vs. conservadores/monarquistas (Portugal atrasada), o que, a nosso ver, não é possível somente por meio da leitura da obra, requer um conhecimento para além do enredo, isto é, o candidato teria que saber interpretar os sentidos de papel, metal e pedra, o que só conseguiria se entendesse o contexto político que Portugal vivia na época. A explicação do professor ou de materiais didáticos especializados seriam imprescindíveis para o sucesso nessa resposta.

Na questão “a”, *papel* refere-se à *retórica*, ao discurso dos liberais que prometem pavimentar as estradas, mas não o fazem. Já o *metal* são as *estradas de ferro* – referência à urbanização e modernização de Portugal, o que está longe de acontecer. E a *pedra* são as *estradas de terra* – real situação das estradas em Portugal, um país atrasado.

Referente à questão “b”, a personagem é Carlos, que se caracteriza como um jovem sonhador (liberal e progressista), mas ao final do romance se rende ao modelo do Portugal monarquista (sinônimo de atraso) ao aceitar um título de nobreza, o de barão.

UNICAMP
vestibular
2018

4. Leia abaixo dois excertos de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

"Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade."
(...)

– Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos.
– Mas ler agora, com esse escuro?
– Acendes o fogo lá fora.
– Mas, com a chuva, a lenha toda se molhou.
– Então vamos acender o fogo dentro do machimbombo. Juntamos coisa de arder lá mesmo.
– Podemos, tio? Não há problema?
– Problema é deixar este escuro entrar na cabeça da gente. Não podemos dançar nem rir. Então vamos para dentro desses cadernos. Lá podemos cantar, divertir."

(Mia Couto, *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.10 e 152.)

a) No primeiro excerto, descreve-se a relação da personagem com o espaço narrativo. Considerando o conjunto do romance, caracterize a identidade narrativa de Muidinga em relação a esse espaço e explique por que o território era "despido de brilho".

b) No segundo excerto, o diálogo das duas personagens principais do romance aborda a questão da leitura e sua função para a situação existencial dos protagonistas. Explique o que seriam os "escritos" e "cadernos" mencionados e por que neles os protagonistas poderiam "cantar e divertir".

Figura 9 - Questão 4 de 2018. Disponível em:
<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2018/F2/provas/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão "a" indaga sobre o enredo do romance. "Despido de brilho" designa Moçambique, país assolado pela miséria e devastado pela guerra civil. A personagem Muidinga, que faz parte de um dos núcleos da narrativa, está perdida, não conhece sua identidade, não se lembra do passado. Da mesma forma que acontece com Moçambique, um país arrasado pela guerra civil, que precisa resgatar seu passado para assim ter um futuro digno. Muidinga seria então uma representação do que ocorre com o país.

A questão "b" também indaga acerca do enredo. Tuahir e Muidinga encontram o cadáver de Kindzu e junto a ele uma mala com vários cadernos. E Muidinga lê essas histórias, contidas nos cadernos, para Tuahir. Nesse contexto, a leitura propicia às duas personagens a possibilidade de "sair" da realidade de miséria e devastação (devido à guerra civil ocorrida em Moçambique) e permite que vivam o universo da fantasia, que proporciona momentos de felicidade – uma espécie de escape da realidade em que estão inseridas.

3.

(...) Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender,

(José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p.12.)

(...) O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era. Parece-me um ponto de vista bastante original, Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há muito tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo debaixo da rosa do sol.

(*Idem*, p.13.)

(...) Então o senhor doutor acha que a história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida, real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o *deleatur*, suspirou o revisor.

(*Idem*, p.14.)

- a) Nos excertos acima, revisor e autor discutem uma questão decisiva para a escrita do romance de José Saramago. Identifique essa questão, presente no diálogo entre as duas personagens, e explique sua importância para o conjunto da narrativa.
- b) No terceiro excerto, o revisor utiliza a palavra *deleatur*. O que significa essa expressão e por que ela é tão importante para o revisor?

Figura 10 - Questão 3 de 2019. Disponível em:

<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2019/F2/provas/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão “a” retoma parte do enredo da narrativa. A questão decisiva presente no diálogo das personagens é sobre o que é história e o que é literatura. O “senhor doutor” entende a história como “vida real”. Por outro lado, Raimundo Silva concebe a história como um tipo de literatura, e como ele bem argumenta: “tudo quanto não for vida, é literatura”.

A questão “b” indaga primeiro sobre o significado de uma palavra que aparece no excerto. “*Deleatur*” é um sinal usado pelos revisores para designar palavras ou letras que podem ser suprimidas do texto. No enredo, a personagem Raimundo Silva, ao fazer a revisão de um livro, inseriu a palavra “não” na narrativa, e essa inclusão (ou supressão) é fundamental para ratificar (ou não) a veracidade dos fatos a respeito da *História do Cerco de Lisboa*.

3.3.4. Leitura literária de texto teatral

UNICAMP
vestibular
2017

5. Leia com atenção os excertos abaixo de *Lisbela e o prisioneiro*.

"LISBELA: Compre um curió para mim.
DR. NOÊMIO: Não, Lisbela, eu não gosto de ver animais presos.
CITONHO: Por quê, Doutor?
DR.NOÊMIO: Por que isso é malvadez. Os animais foram feitos para viver em liberdade.
PARAÍBA: E como que é que o Doutor está me vendo aqui preso e nem se importa?
DR. NOÊMIO: Você é um animal?"
(Osman Lins, *Lisbela e o prisioneiro*. São Paulo: Planeta, 2003, p. 25.)

"DR.NOÊMIO: Lisbela, vamos. Você é minha noiva, não deve opor-se às minhas convicções. As convicções do homem devem ser, *optarum causa*, as de sua esposa ou noiva."
(*ibidem*.)

a) Nos trechos citados, estão presentes duas atitudes características do Dr. Noêmio com implicações morais, que são desmascaradas pelo efeito cômico do texto. Quais são essas duas atitudes características com implicações morais?

b) No segundo excerto, a expressão "minhas convicções" é dita de forma solene e expressa um valor social. Que valor é esse e que tipo de sociedade está sendo caracterizado por tal enunciado?

Figura 11 - Questão 5 de 2017. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão "a" demanda que o candidato identifique as atitudes de Dr. Noêmio, que são contraditórias, pois a personagem, apesar de ser a favor da liberdade dos animais, não se importa com a condição da personagem Paraíba, que é um ser humano e está preso em uma cadeia. Da mesma forma, Dr. Noêmio se coloca em uma posição autoritária em relação a sua noiva, Lisbela, o que demonstra o machismo em uma sociedade patriarcal.

A questão "b" requer uma interpretação do valor social do uso da expressão "minhas convicções" no contexto exposto, que é a de uma sociedade patriarcal. A referida expressão mostra a visão machista e de superioridade da personagem, Dr. Noêmio, que se coloca como autoridade em relação a sua noiva.

3.3.5. Leitura literária de sermão

UNICAMP
vestibular
2018

6. O trecho abaixo corresponde à parte final do primeiro Sermão de Quarta-Feira de Cinza, pregado em 1672 pelo Padre Antonio Vieira.

"Em que cuidamos, e em que não cuidamos? Homens mortais, homens imortais, se todos os dias podemos morrer, se cada dia nos imos chegando mais à morte, e ela a nós; não se acabe com este dia a memória da morte. Resolução, resolução uma vez, que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure, e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos bem na aquela hora. De vinte e quatro horas que tem o dia, por que se não dará uma hora à triste alma? Esta é a melhor devoção e mais útil penitência, e mais agradável a Deus, que podeis fazer nesta Quaresma. (...) Torno a dizer para que vos fique na memória: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? *Memento homo.*"
(Antonio Vieira, *Sermões de Quarta-Feira de Cinza*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p.102.)

a) Levando em conta o trecho acima e o propósito argumentativo do Sermão, explique por que, segundo Vieira, se deve preservar "a memória da morte".

b) Considere as perguntas presentes no trecho acima e explique sua função para a mensagem final do Sermão.

Figura 12- Questão 6 de 2018. Disponível em:
<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2018/F2/provas/redport.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

A questão "a" é de interpretação do *Sermão de Quarta-feira de Cinza*, que trata da morte, do fato de que o ser humano é finito, morre, torna-se pó. Assim, ter sempre na memória que um dia a morte chegará para todos (isto é, "preservar a memória da morte") auxilia o fiel a viver com foco no tempo presente, de forma piedosa, visando à salvação da alma.

A questão "b" faz uma pergunta sobre um recurso estilístico empregado pelo autor na escrita de seu sermão: as perguntas retóricas presentes no final do trecho do sermão de Antonio Vieira (que possuem uma função exortativa). Essas perguntas retóricas conduzem os interlocutores a refletirem sobre a vida (como vivem) e a condição humana (são finitos e tornar-se-ão pó), levando-os a uma conscientização a respeito da efemeridade da experiência humana, assim como da manutenção do exercício da virtude. Em resumo, a exortação objetiva provocar no leitor uma reflexão sobre o modo como tem conduzido a própria vida, com base nos ensinamentos do sermão.

3.4. Comentários gerais sobre as listas e sobre as questões de literatura

Constatamos que as listas são majoritariamente compostas por autores brasileiros e portugueses. Contudo, notamos que foi aberta uma exceção para um

escritor moçambicano muito conhecido, Mia Couto, que foi inserido em 2016, e que não faz parte do eixo de autores Brasil-Portugal. Percebemos também a presença de obras contemporâneas recentes, como *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto; *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar; e *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago; embora também haja a presença de obras não contemporâneas, como os romances *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett; *Til*, de José de Alencar; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; *Coração, Cabeça e Estômago*, de Camilo Castelo Branco, dentre outras obras.

No que diz respeito aos gêneros literários, constatamos que o romance constitui-se como gênero predominante no período de 2007 a 2015. E de 2016 a 2019, notamos uma maior variedade de gêneros, pois além da presença do romance, poesia, conto e teatro (que já apareciam anteriormente), é possível observar a presença do sermão, a partir da lista de 2018, e do diário, na lista de 2019. Além disso, ainda sobre a lista de 2019, o VU passou a cobrar a leitura de três obras poéticas, diferentemente dos anos de 2016, 2017 e 2018, em que solicitava a leitura de apenas duas obras desse gênero.

Percebemos ainda que, geralmente, quase todas as questões de literatura apresentam excertos, ou um poema das obras em seus enunciados, exceto a questão 1 de 2019, que conceituou *parábola* para depois relacionar o assunto ao conto de Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*. Com relação à composição das questões, é importante dizer que elas são divididas em dois itens, denominados “a” e “b”, aos quais respondemos na seção anterior, juntamente com as devidas análises. Notamos também que, apesar de a maioria das questões indagar sobre o enredo, elas não são perguntas que requerem apenas a localização e/ou a reprodução de informações. Ao contrário, notamos que as questões são enunciados que demandam interpretações complexas e aprofundadas a respeito das obras, jamais a simples memorização acerca dos pontos principais do enredo dos livros, nem tampouco da historiografia literária, comumente ensinada nas aulas de literatura do ensino médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, no que tange à influência do vestibular na construção do cânone, compreendemos que há uma possibilidade de as obras de *ruptura* escolhidas pela Unicamp, em um futuro breve, serem vistas de forma diferenciada, pois conforme afirma Muzart (1995), quando alguns autores passam a figurar nos currículos universitários e/ou são cobrados nos vestibulares, acabam por ser canonizados. Ademais, segundo a autora:

O estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que é canonizado em certas épocas, é esquecido noutras; o que foi esquecido numa, é resgatado em outra (MUZART, 1995, p. 86).

Como já mencionamos, é importante destacar que nem todas as obras que aparecem na lista do VU são cobradas nas questões da segunda fase, até porque não há espaço para isso na prova, que é composta por três questões de literatura (que se somam as outras três questões de língua portuguesa). Os enunciados sempre apresentam duas perguntas, “a” e “b”, e notamos que, algumas vezes, as questões “a” apresentaram questionamentos mais simples e diretos, quando comparados às perguntas “b”, que em alguns casos demandaram respostas mais complexas e detalhadas.

Como explicado anteriormente nesta monografia, em 2007, a Unicamp (Comvest) e a USP (Fuvest) unificaram sua lista de livros (Apêndice 2). Constatamos que durante a existência dessa lista conjunta, que durou até 2015, o gênero literário que predominava era o romance (oitocentista). Após a separação com a Fuvest (de 2016 a 2019), observamos, por exemplo, uma maior variedade de gêneros literários no Vestibular Unicamp, com a inserção do sermão e do diário literários. Nem mesmo nas provas de literatura de 1987 a 2015 do VU, percebemos a presença de obras inseridas nos gêneros sermão e diário. E apesar de as listas de 2016 a 2019 apresentarem algumas obras consideradas de *ruptura*, elas continuam ainda sendo constituídas, majoritariamente, por autores ligados ao cânone literário.

Contudo, um fator interessante que ressaltamos é que a lista de 2019 apresenta três obras escritas por mulheres, e essa ocorrência pode ser considerada uma novidade, visto que, de 2016 a 2018, só a autora Clarice Lispector figurou entre os demais autores, todos do gênero masculino. Já quando observamos o período em que o VU e a Fuvest

mantiveram a lista conjunta, de 2007 a 2015, percebemos que nenhum dos livros elencados é de autoria feminina.

Se por um lado a presença de obras contemporâneas não canônicas demonstra a preocupação do VU em inovar sua lista literária – ao promover a ruptura com o tradicional; por outro lado, ao estudar as questões de literatura, de 2016 a 2019, notamos que algumas ainda apresentam vestígios de uma tradição didática no ensino de literatura. A título de exemplo, na prova de 2016, a pergunta “a” da questão 5 (Fig. 4) demandou um conhecimento específico acerca de uma característica estilística dos sonetos camonianos. Já a questão “b” indagou a respeito de um aspecto temático dos sonetos. No VU de 2018, por sua vez, a pergunta “b” da questão 6 (Fig. 12) exigiu conhecimento de um recurso estilístico utilizado na construção do sermão do padre Antonio Vieira.

Ao analisarmos as questões do recorte estudado, percebemos que, no geral, as perguntas se voltam à leitura e à análise das obras, contudo, notamos que algumas não demandam a leitura integral dos livros, uma vez que é possível respondê-las factualmente. Exemplificando, entendemos que, de certa forma, é possível responder à questão 6 de 2017, que apresenta um soneto de Camões (Fig. 5), lendo apenas o poema que está transcrito na prova. Entretanto, esse cenário não é comum, visto que, no geral, as perguntas demandam análises aprofundadas dos livros, o que requer leituras completas e análises das obras. Dessa forma, constatamos que as questões conduzem os candidatos à reflexão – o que consideramos bastante positivo, em se tratando de uma avaliação – e não à simples localização de informações existentes nos textos apresentados nas provas, nem ao conhecimento da historiografia ou de escolas literárias – o que consideramos um problema nas didáticas escolares, já que restringe o ensino de literatura a um conhecimento apenas metalinguístico, em vez de promover a leitura literária efetiva na formação do aluno-leitor. No VU 2018, há até mesmo uma questão que trabalha a capacidade de leitura intertextual do candidato (Fig. 6), o que, a nosso ver, é uma estratégia de leitura literária bastante interessante.

Com a pesquisa realizada, entendemos que a prova de literatura do Vestibular Unicamp preserva a tradição – o que consideramos igualmente positivo – ao mesmo tempo em que age de forma inovadora (revolucionária, talvez?), ao inserir obras literárias não canônicas em sua lista obrigatória para o VU. Essa atitude corajosa do referido vestibular reverbera positivamente no campo educacional, ao incentivar a

circulação e estudo de obras que geralmente não são vistas como prioritárias, quando comparadas a outras canonizadas.

Em síntese, constatamos que o VU de literatura pode proporcionar uma experiência enriquecedora de leitura aos candidatos que realmente se dispõem a ler esses livros. Desse modo, concluímos que, para um bom desempenho no Vestibular Unicamp, os candidatos precisam ser, de fato, leitores literários.

REFERÊNCIAS

ABL, Academia Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ALVES FILHO, Manuel. **Unicamp é uma das três melhores universidades da América Latina**. 18 jun. 2019.

Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/06/18/unicamp-e-uma-das-tres-melhores-universidades-da-america-latina>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 12 jun. 2019.

CALDAS AULETE, Dicionário Aulete digital. **O dicionário da língua portuguesa na internet**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COMVEST, Comissão permanente para os vestibulares. **Manual do candidato, Unicamp vestibular 2018**. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/02/manual_2018.pdf>. Acesso em: 15. dez. 2018.

COMVEST. Comissão permanente para os vestibulares. **Lista de livros válida para o vestibular 2019**. Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/vestibular-2019/lista-de-livros/>>. Acesso em: 10 mar. 2018a.

COMVEST. Comissão permanente para os vestibulares. **Anos anteriores**. Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-anteriores/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIDELIS, Ana Cláudia da Silva. **Do cânone literário às provas de vestibular: canonização e escolarização da literatura**. 238 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269463?mode=full>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FURLAN, Francisco A.; ABAURRE, Maria Luíza Marques. **Vestibular UNICAMP: literatura**. São Paulo: Globo, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAIA, Denise Giarola. Vestibular da Fuvest e Unicamp: espetáculo e narrativa na mídia web. **Revista Dito Efeito**, UTFPR-Campus Curitiba, Ano IV, Vol. 4, n.º 5, p. 1-20, Jul-Dez, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução (1). **Revista D.E.L.T.A**, Vol. 10, n. 2, 1994, p. 329-338.

MOREIRA, Maria Eunice. Cânone e cânones: um plural singular. Letras n° 26 – **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**. Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL /UFSM. 2003. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/11883/7310>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (Professora de Literatura Brasileira, UFSC). A questão do cânone. **Anuário de Literatura** 3, 1995, p. 85-94. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277/4657>>. Acesso em: 23 set. 2019.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **A literatura no ensino médio: os gêneros poéticos em travessia no Brasil e na França**. 884 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269713>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 18. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Papirus, 2016.

PAULINO, Graça. Leitura literária. In: **Glossário Ceale**. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. 2014. ISBN: 978-85-8007-079-8. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/autor/gra-a-paulino>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. O prazer possível: literatura, leitura e escola. Para Marisa Lajolo. **R.Fac.Educ.** São Paulo, p. 123-132. 1989. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33436>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPE, 2005.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

VICENTINI, Monica Panigassi. **A redação no ENEM e a redação no 3º ano do ensino médio**: efeitos retroativos nas práticas de ensino da escrita. 292 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269558/1/Vicentini_MonicaPanigassi_M.pdf>. Acesso em: 05 out. 2019.

Textos jornalísticos consultados:

(1) APÓS 8 anos, Unicamp divulga lista própria de livros para vestibular. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/04/1447673-apos-oito-anos-unicamp-divulga-lista-propria-de-livros-para-vestibular-2016.shtml>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

(2) FUVEST divulga lista de livros obrigatórios para vestibular 2016. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/01/1578733-fuvest-divulga-lista-de-livros-obrigatorios-para-vestibular-2016.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

(3) UNICAMP 2020: Álbum dos Racionais MC's aproxima estudante de 'leitura do mundo', diz coordenador da Comvest. **G1 – O portal de notícias da Globo**. Campinas, 03 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/unicamp-2020-album-dos-rationais-mcs-aproxima-estudante-de-leitura-do-mundo-diz-coordenador-da-comvest.ghtml>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

(4) RACIONAIS nunca será Shakespeare – e quem perde com isso é a Unicamp. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 17 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/rationais-nunca-sera-shakespeare--e-quem-perde-com-isso-e-a-unicamp-cyoak365eow7fmhadeaegrjb0/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

(5) ENTREI pelo seu rádio, tomei, cê nem viu: Racionais MC's no vestibular da Unicamp. **Grupo Cult.** São Paulo, 19 jun. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/racionais-unicamp/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

<p style="text-align: center;">Tabela 1 OBRAS LITERÁRIAS – Vestibular Unicamp – De 1987 a 2015</p>
--

ROMANCE

A Moreninha - Joaquim Manuel de Macedo
Iracema - José de Alencar
Macunaíma - Mario de Andrade
São Bernardo - Graciliano Ramos
A Confissão de Lúcio - Mário de Sá-Carneiro
Coração Cabeça e Estômago - Camilo Castelo Branco
Serafim Ponte Grande - Oswald de Andrade
Memórias de um sargento de Milícias - Manuel Antonio de Almeida
A queda dum anjo - Camilo Castelo Branco
Triste Fim de Policarpo Quaresma - Lima Barreto
A Ilustre Casa de Ramires - Eça de Queirós
Perto do Coração Selvagem - Clarice Lispector
Senhora - José de Alencar
Vidas Secas - Graciliano Ramos
Dom Casmurro - Machado de Assis
O Primo Basílio - Eça de Queirós
Amar, Verbo Intransitivo - Mário de Andrade
O Ateneu - Raul Pompéia
As Pupilas do Senhor Reitor - Júlio Diniz
Recordações do Escrivão Isaías Caminha - Lima Barreto
Memorial do Convento - José Saramago
A Relíquia - Eça de Queirós
Madame Pommery - Hilário Tácito
Quarup - Antônio Callado
Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis

O Amanuense Belmiro - Cyro dos Anjos
Ubirajara - José de Alencar
O Guarani - José de Alencar
A Sibila - Agustina Bessa-Luís
O Crime do Padre Amaro - Eça de Queirós
Angústia - Graciliano Ramos
Bom Crioulo - Adolfo Caminha
A brasileira de Prazins - Camilo Castelo Branco
Os Cus de Judas - António Lobo Antunes
A cidade e as serras - Eça de Queiroz
O Cortiço - Aluísio Azevedo
Capitães da Areia - Jorge Amado
Viagens na minha terra - Almeida Garrett
Til - José de Alencar

CONTO

Amor (Laços de Família) - Clarice Lispector
O Alienista - Machado de Assis
O peru de Natal - Mário de Andrade
A preciosidade - Clarice Lispector
Primeiro de Maio - Mário de Andrade
Vicente (Bichos) - Miguel Torga
Frederico Paciência (Contos Novos) - Mário de Andrade
O recado do morro - Guimarães Rosa
P1: Duas vezes com Helena - Paulo Emílio Salles Gomes
Três mulheres de três PPPês - Paulo Emílio Salles Gomes
Noite na Taverna - Álvares de Azevedo
Gaetaninho (Brás, Bexiga e Barra Funda) - Antônio de Alcântara Machado
Conto de escola (Várias Histórias) - Machado de Assis
O enfermeiro (Várias Histórias) - Machado de Assis
A sociedade (Brás, Bexiga e Barra Funda) - Antônio de Alcântara Machado
A causa secreta (Obra completa) - Machado de Assis
A hora e a vez de Augusto Matraga (Sagarana) - João Guimarães Rosa

Conversa de Bois (Sagarana) - Guimarães Rosa

NOVELA

O mandarim - Eça de Queirós

O Barão - Branquinho Fonseca

Campo Geral - Guimarães Rosa

Amor de Perdição - Camilo Castelo Branco

Uma estória de amor (Festa de Manuelzão) em Manuelzão e Miguilim - Guimarães Rosa

POESIA

Inscrição - Camilo Pessanha, 1922

Retrato do autor por Camilo Pessanha (Colagem) – Carlos Oliveira, 1950

Trova à maneira antiga - Francisco de Sá Miranda, 1595

Dispersão - Mário de Sá-Carneiro, 1913

Procura da Poesia - Carlos Drummond de Andrade

Lembranças de Morrer e O poeta moribundo - Álvares de Azevedo

Cantiga, partindo-se (Cancioneiro Geral de 1516) - João Roiz de Castelo Branco

Soneto - Luís de Camões

Profundamente - Manuel Bandeira

Falso diálogo entre Pessoa e Caeiro - José Paulo Paes

Poema X (O Guardador de Rebanhos) - Alberto Caeiro

Erro de Português (Poesias reunidas) - Oswald de Andrade

O sentimento dum ocidental - Cesário Verde

Provincianas - Cesário Verde

Poemas Completos de Alberto Caeiro - Fernando Pessoa

Meus oito anos - Casimiro de Abreu

E com você a Modernidade (Beijo na boca) - Cacaso

Lírica de Camões – seleção, prefácio e notas de Massaud Moisés

Terror de te amar (Antologia Poética) - Sophia de Mello Breyner Andresen

Pesquisa (Apontamentos de História Sobrenatural) - Mário Quintana

Poesias - Álvaro de Campos

Poema de 7 faces - Carlos Drummond de Andrade

Com licença poética - Adélia Prado

Lavoisier - Carlos Oliveira

Maria Diamba (Poemas Negros) - Jorge de Lima

Pára-me de repente o Pensamento (Revista Sudoeste, Lisboa) - Ângelo de Lima

Lira 14 (Marília de Dirceu) - Tomás Antônio Gonzaga

Odes - Ricardo Reis

Doze anos - Chico Buarque

Canto IV (Os Lusíadas) – Camões

Aquarela - Murilo Mendes

Morte e Vida Severina - João Cabral de Melo Neto

Agosto de 1964 - Ferreira Gullar

Data e Dedicatória - Mário Quintana

Cantiga - O anel que tu me deste [...] Zila Mamede

Carta da Infância - Carlos Oliveira

Inventário (Poesias Reunidas) - Francisco Alvim

Soneto - Camões

Poemas “Os dois lados” e “Amostra da poesia local” - Murilo Mendes

SidaE (Horto de Incêndio) - Al Berto.

Há uma gota de sangue no cartão postal (Beijo na boca) - Cacaso

Cancioneiro (Obra poética) - Fernando Pessoa

Da morte. Odes Mínimas - Hilda Hilst.

Agora é (Poesia reunida) - Manuel António Pina

Desenho (Poesia completa) - Cecília Meireles

Suave mari magno - Machado de Assis

Ignição - António Osório

Cidade prevista (A rosa do povo) - Carlos Drummond de Andrade

O guardador de rebanhos (Obra poética) – Fernando Pessoa

Passagem da noite (A rosa do povo) - Carlos Drummond de Andrade

Poema XXXVI de Alberto Caeiro (Obra poética) - Fernando Pessoa

Nova canção do exílio (A rosa do povo) - Carlos Drummond de Andrade

Soneto da Intimidade (Antologia Poética) - Vinicius de Moraes

Poética I (Antologia Poética) - Vinicius de Moraes

Balada Feroz (Antologia Poética) - Vinicius de Moraes.

Ode no cinquentenário (...) (Sentimento do mundo) - Carlos Drummond de Andrade

Operário no mar (Sentimento do mundo) - Carlos Drummond de Andrade
Os ombros suportam o mundo (Sentimento do mundo) - Carlos Drummond de Andrade

TEATRO

Frei Luís de Sousa - Almeida Garrett

A Moratória - Jorge de Andrade

O Noviço - Martins Pena

A farsa de Inês Pereira - Gil Vicente

O demônio familiar - José de Alencar

Vestido de noiva - Nelson Rodrigues

O Velho da Horta - Gil Vicente

Auto da barca do inferno - Gil Vicente

MANIFESTO LITERÁRIO

Manifesto antropófago - Oswald de Andrade

APÊNDICE 2

Listas conjuntas de leituras obrigatórias – Unicamp e Fuvest, elaboradas conforme conteúdos disponíveis no manual do candidato dos respectivos vestibulares da Universidade Estadual de Campinas¹⁷.

Anos de 2007, 2008, 2009.

A cidade e as serras - Eça de Queirós

Poemas completos - Alberto Caeiro - heterônimo de Fernando Pessoa

Auto da barca do inferno - Gil Vicente

Memórias de um sargento de milícias - Manuel Antônio de Almeida

Iracema - José de Alencar

Dom Casmurro - Machado de Assis

Vidas Secas - Graciliano Ramos

A Rosa do Povo - Carlos Drummond de Andrade

Sagarana - João Guimarães Rosa

Anos de 2010, 2011, 2012.

Auto da barca do inferno - Gil Vicente

Memórias de um sargento de milícias - Manuel Antônio de Almeida

Iracema - José de Alencar

Dom Casmurro - Machado de Assis

O cortiço - Aluísio Azevedo

A cidade e as serras - Eça de Queirós

Vidas Secas - Graciliano Ramos

¹⁷ COMVEST. Comissão permanente para os vestibulares. **Anos anteriores**. Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-antecedentes/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Capitães da areia - Jorge Amado

Antologia poética (com base na 2ª ed aumentada) - Vinicius de Moraes

Anos de 2013, 2014 e 2015.

Viagens na minha terra – Almeida Garrett

Til – José de Alencar

Memórias de um sargento de milícias – Manuel Antônio de Almeida

Memórias póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis

O cortiço – Aluísio Azevedo

A cidade e as serras – Eça de Queirós

Vidas secas – Graciliano Ramos

Capitães da areia – Jorge Amado

Sentimento do mundo – Carlos Drummond de Andrade